

DIAGNÓSTICO E REMÉDIO: OS CAMINHOS DA RAZÃO ARTESÃ NA EPISTEMOLOGIA ATUAL

Prof^a Dr^a Marly BULCÃO
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

*Não é sem motivo que François Dagognet dedica sua obra “**La raison et les remèdes**” a seu mestre Gaston Bachelard. A postura diante da ciência é a mesma : criticar as perspectivas realistas e empiristas, optando por uma racionalidade ampla que integra e supõe a riqueza do imaginário.*

*Numa outra obra “**Écriture et iconographie**,” Dagognet, retomando mais uma vez categorias bachelardianas, nos revela a semiótica do corpo humano, fotografado e transcrito, através de simbolismo figurativo.*

O objetivo da comunicação é mostrar, através da análise da obra dagogniana, os novos parâmetros das ciências médicas na contemporaneidade, sob o prisma do diagnóstico e do remédio.

A análise das “ciladas” dos remédios e do papel importante do simbolismo pictórico no diagnóstico e no conhecimento do corpo tornará evidente que Dagognet, como médico e filósofo atento às transformações vividas pelas ciências da vida, propõe perspectiva mais ampla e mais atual que a do mestre, levando-nos a concluir que hoje se instauraram novos parâmetros de objetividade científica, que supõem o caráter dinâmico e inconstante da razão.

É nesse sentido que a razão, num processo demiúrgico de construção do saber, se impõe como razão fundamentalmente artesã.

RESUMÉ

*Ce n'est pas sans raison que François Dagognet a dédié son oeuvre **La raison et les remèdes** à son maître Gaston Bachelard. As posture devant la science est la même: critiquer les perspectives réalistes et empiristes pour opter pour une rationalité plus ample qui intègre la richesse de l'imaginaire.*

*Dans **Écriture et Iconographie**, Dagognet, reprenant encore des catégories bachelardienne nous révèle la sémiotique du corps humain, photographié et transcrit à travers de le symbolisme figuratif.*

Le but d'article est de démontrer, par le biais del'oeuvre dagognienne, les nouveaux parametres des sciences médicales dans la contemporanéité, sous le prisme du diagnostique e du remède.

L'analyse des pièges des remèdes et du rôle important du symbolisme pictorique dans le diagnostique et dans la connaissance du corps, rendra évident que Dagognet en tant que

médecin et philosophe attentif aux changements vécus par les sciences de la vie, propose une perspective plus ample et plus actuelle que celle du maître, nous amenant à conclure qu'aujourd'hui on pose des nouveaux paramètres d'objectivité scientifique, qui suppose le caractère dynamique et inconstant de la raison.

C'est dans ce sens que la raison, dans un procès démiurgique de construction du savoir, s'impose comme raison fondamentalement artisan.

Gostaríamos de começar nossa reflexão relembando dois mitos gregos : o mito de Sísifo e o de Prometeu. Sísifo foi condenado a conduzir uma grande pedra ao pico de uma montanha. Ao chegar lá a pedra caía e ele a reconduzia novamente vendo-se obrigado a repetir a proeza incessantemente. O mito de Prometeu conta que o herói subiu ao Monte Olimpo, a morada dos deuses e ousadamente furtou o fogo divino, trazendo-o para o mundo dos mortais. Os dois mitos expressam a ambigüidade da vida humana. De um lado, temos o mito de Sísifo que simboliza a monotonia da vida quotidiana, repleta de tarefas repetitivas. Do outro temos o de Prometeu que, ao contrário, expressa o elã da aventura, do extraordinário, do inusitado, através do qual o homem rompe com o tédio cotidiano, inventando um mundo sempre novo.

A epistemologia atual, mostra a ciência como ato prometeico, como aventura em direção ao novo, ao imprevisito, ao inusitado, o que só pode ser alcançado através de uma razão que integra e supõe a riqueza do imaginário, o que lhe permite construir cadeias de pensamento abstratas e operatórias.

O objetivo de nosso trabalho é mostrar como se dá essa aventura nas ciências bio-médicas, sob o prisma do diagnóstico e do remédio. Para isso, vamos retomar o pensamento epistemológico de François Dagognet, filósofo francês que, no contexto da atualidade, aparece como discípulo e continuador do pensamento de Gaston de Bachelard.

A análise das "ciladas" dos remédios e do importante papel do simbolismo pictórico no diagnóstico tomará evidente que estes dois pólos da terapêutica não podem ser expressos pela postura realista. Dagognet como médico e filósofo atento às transformações sofridas pelas ciências da vida, mostra muito bem isso, propondo, entretanto, perspectiva mais ampla e mais atual que a do seu mestre Gaston Bachelard o que nos leva a concluir que hoje se instauraram novos parâmetros de objetividade científica.

Na obra **Écriture et iconographie**, Dagognet mostra o papel importante do simbolismo figurativo nas ciências contemporâneas. Ressalta que estas se caracterizam pela capacidade de conseguir condensar num esquema, os dados apreendidos, transformando, assim, a linguagem científica numa escrita que tem como fundamento a representação pictórica.

Todas as ciências da atualidade se beneficiam do simbolismo figurativo e iconográfico. Pode-se dizer que por todos os lados se impõem desenhos, trajetórias curvas, mapas e figuras estruturais e geométricas.

A análise epistemológica da medicina contemporânea ressalta a importância da representação figurativo-simbólica no diagnóstico médico. Penetrar no interior das vísceras para explorá-las tomou-se um método arcaico e pouco esclarecedor. A medicina de hoje está preocupada em inventar possibilidades de captura à distância. É com este intuito que faz uso de uma instrumentalidade, tomando possível, assim, a visualização do funcionamento dos órgãos. Através de efeitos polimorfos como fibrilações, estracístoles ou ondas diversas permite, não só precisar o local da lesão, como também, dá ensejo a que se conheça a extensão do problema ou sua evolução cicatricial, o que leva a um prognóstico futuro da doença.

A utilização do simbolismo instrumental no diagnóstico médico nos leva a concluir que quanto mais nos afastamos do órgão mesmo, melhor conseguimos apreender a causa do mal que o afeta. Conforme afirma Dagognet :

*"O cérebro, o coração, o pulmão _detentores da vida real _perdem sua estranheza fantasmagórica, sua obscuridade visceral, tomando-se simples linhas ondulantes."*¹

Estes órgãos volumosos são, pois representados simbólica e picturalmente, através de uma instrumentalidade técnica que permite visualizar o funcionamento destes, suas trajetórias e conse-

qüentemente detectar a patologia que os afeta. O mais interessante disso tudo é que se constata nas ciências uma lei paradoxal da representação : quanto mais despojado, mais ligeiro e mais nervoso é o grafismo iconográfico, mais este consegue traduzir os aspectos inacessíveis e ocultos da realidade.

É importante esclarecer que a representação figurativo-simbólica não é, apenas, um auxiliar didático, nem cômoda ilustração. Constitui instrumento heurístico privilegiado que permite ao medico descobrir relações que não tinham sido percebidas anteriormente.

Por outro lado, o simbolismo iconográfico não e, embora pareça, uma escrita violentamente redutora, é, ao contrário, instrumento enriquecedor e esclarecedor, pois, além de traduzir o órgão estudado, o amplia, na medida em que revela características que pela simples observação não se poderia apreender. A representação figurativa funciona, pois, como verdadeira plástica que, apagando os contornos do mundo real, oferece outros planos e superfícies não percebidos pelo simples olhar. Conforme mostra Dagognet:

*“a doença se projeta, em efeito, sem rodeios, nem resistência, sobre um esquema linear que não depende mais do clínico.”*²

Pode-se dizer, então, que a medicina atual passou a ser uma ciência de traços, de curvas e de trajetórias que, ao traduzir a função dos órgãos através de um simbolismo pictórico, chega a um diagnóstico mais preciso.

Pode-se, então, concluir que a pratica figurativa-instrumental objetivante pressupõe uma razão criativa e artesã que em lugar de procurar expressar simplesmente o real, através da pura observação, constrói tecituras coerentes e simbólicas que representam na verdade um mundo surreal.

A medicina atual, afastando-se do real imediato, substituindo-o por uma surrealidade por ela construída e sempre renovada por uma razão demiúrgica, constitui verdadeiro ato prometeico de ousadia que faz do homem o soberano do universo.

Na obra **La raison et les remèdes**, Dagognet denuncia o falso realismo que vem servindo de fundamento à análise epistemológica dos remédios. Sua preocupação primordial é mostrar um real terapêutico sem equívocos.

Para a postura epistemológica do realismo o remédio constitui medicamento puro, simples e delimitado que consegue neutralizar determinadas doenças. O realista acredita que o medicamento consegue eliminar os problemas patológicos que afetam o organismo, privando-o definitivamente das doenças que freqüentemente o perturbam.

Para que se possa compreender com clareza o racionalismo biológico da atualidade é necessário ter em mente que o remédio não é nem uma forma que se possa descrever, nem algo que se possa delimitar O remédio é, na verdade, um poder hábil que suscita numerosos efeitos e que, sobretudo, compõe com vários outros agentes um objeto por demais complexo. Diz Dagognet:

*“Como o Amor platônico do Banquete, a matéria médica é filha de Poros e Penia é movimento infatigável. Por isso não a devemos “fetichizar” nem a aprisionar numa forma, mas sim dissolvê-la na corrente de seu próprio dinamismo”.*³

Dagognet nos faz oscilar entre dois pólos antagonicos mas complementares. De um lado, o remédio é algo que existe indiscutivelmente no sentido de que pode efetivamente curar. A prova é que é possível à medicina eliminar doenças temíveis como a febre tifóide, a meningite e a tuberculose. De outro lado, não se pode separar esta potência que é o remédio de sua contingência e de uma certa indeterminação. Diz Dagognet:

*“A filosofia biológica das adaptações e das resistências, das mutilações e das evoluções (...) interdita a facilidade de uru “em si” definitivo, tomando impossível a crença em substâncias maléficas ou benéficas : o melhor aí se perde e o mais temível se transforma. Estamos no mundo do fugaz e do hábil .Como, então, apreender o objeto de nosso estudo, o remédio e suas virtudes, já que seu uso o desloca e altera? Onde encontrar uma definição onivalente e estável ?”*⁴

O remédio não é, senão, probabilidade e jamais necessidade. Seu poder decorre possível e do eventual jamais do certo e do preciso. O rigor terapêutico não pode se exprimir em termos de clareza e distinção ou de evidência cartesiana.

Os erros fundamentais da perspectiva realista são analisados na referida obra dagogniana. Um deles

consiste em considerar a relação remédio-patologia como uma relação causal. A lista de medicamentos “felizes” nos leva a isso. A anemia de Biermer não é eliminada pela vitamina B12 e somente por ela? A doença de Addison não cede ao hormônios supra renais? A febre tifóide não é curada com o clorofenicol? Até agora entretanto, apesar da enorme quantidade de remédios existentes não foi possível resolver os problemas causados por diversas patologias.

Conforme mostra Dagognet, a doença diz respeito a um conjunto de fatores e por isso não é possível admitir um antecedente determinante. Na maioria dos casos o médico fica buscando o medicamento autêntico e verdadeiro que salvaria o doente e quando não o encontra utiliza grupos de medicamentos como uma verdadeira artilharia que na guerra destrói ao acaso os inimigos. É nesse sentido que a terapêutica deve sempre associar clínica e farmacologia, ao mesmo tempo, em que analisa a relação remédio-doença ao nível de uma dialética. Vejamos:

“A despeito de algumas exceções nenhum absoluto: a farmacopéia é algo incansável e sempre recomeçado. Quando um remédio aparece costuma-se qualificá-lo como causal, como único e como radical, mas, na verdade, suas afecções, assim como, suas causas mudam por si mesmas.”⁴⁵

Um outro erro grave da epistemologia realista é acreditar que as deficiências do remédio se devem ao fato de que o organismo é capaz de criar réplicas variadas e contingentes, modificando, assim, o efeito do remédio. Ao se considerar o remédio como uma substância exterior, inerte e invariante se está retirando toda dignidade do medicamento, ao passo que o organismo está, de certa forma, sendo privilegiado na medida em que é visto como um ser vivo com possibilidades adaptativas.

A maior parte das drogas constituem conjuntos, nos quais agem o mesmo e o outro. É necessário proceder à decomposição para evitar as incertezas decorrentes de um realismo exagerado. A adrenalina, por exemplo, não é uma substância com características constantes, tem ao contrário, predicados contraditórios. O habitual vaso-constritor resulta de um equilíbrio entre duas forças desiguais: uma constritiva que se associa a outra dilatadora. Como se pode concluir, a adrenalina é mais do que um fundamento

ontológico, constitui diversidade material que será revelada em função da dose, da situação e das associações. Assim, tanto o organismo como o remédio contribuem com sua diversidade e potencialidade para que o médico possa estabelecer associações positivas e controladas.

A filosofia da farmacologia não deve desprezar a reflexão sobre a paradoxal função do inativo na cura. A história da ciência contribui com o relato da placeboterapia utilizada antigamente. O placebo constitui medicamento fictício, de ação farmacológica nula (por exemplo um pouco de água destilada) mas que por sua cor, por seu aspecto e por sua posologia convence ao paciente de seus efeitos curativos, levando, muitas vezes, a resultados surpreendentes. O estratagema do placebo representa o uso de um falso para se alcançar um verdadeiro. A utilização do placebo tinha por objetivo, além da cura, conseguir precisar melhor quais os efeitos provenientes da sugestão psíquica e quais os que decorrem da substância medicamentosa mesmo. Mas o que, de fato, deve ser ressaltado, neste exemplo, como erro de análise é o realismo exacerbado que está por trás desta atitude, pois o médico que fazia uso do placebo acreditava que, afastando o psíquico e o sugestivo, poderia chegar à substância mesma do medicamento.

Finalmente, um dos erros mais freqüentes da postura realista é acreditar que o papel do médico é arbitrar um conflito entre dois protagonistas inimigos: de um lado a doença e do outro o doente ameaçado. Nesse conflito o médico ficaria do lado do doente o reconfortando e o animando. O que a história da farmacologia mostra é bem outra coisa. Muitas vezes, o médico favorece a doença e em outros casos o remédio compromete a cura. Todo medicamento se torna venenoso sem um controle rigoroso e vigilante. Uma alteração na quantidade transforma a qualidade. Uma vitamina, um calmante leve, ao serem absorvidos, podem engendrar desordens graves e sérias complicações. Por vezes o médico parece se servir do “mal” para curar. Não hesita em dar açúcar ao diabético ou iodo ao hipertireoideo.

A análise epistemológica dos remédios leva à conclusão de que é impossível alcançar a objetividade curativa ou mesmo definir rigorosamente o ser da cura. Impõe-se que se renuncie à noção de remédio-substância, retirando do medicamento sua solidez e sua robustez ontológica que se expressaria através da fórmula: para tal sintoma, tal remédio, a tal dose e em

vista de tais efeitos. Conforme diz Dagognet “*o ser do remédio só existe em função de seus efeitos ou de suas virtudes.*”⁶

Considerando que na passagem do teórico previsto à utilização prática não se pode eliminar o contingente que aí se manifesta e que sempre acompanha este processo, a relação remédio-doença não pode se fundamentar num determinismo preciso e rigoroso.

A análise dagogniana mostra, entretanto, que “*o declínio dos absolutos terapêuticos e do realismo farmacológico não devem conduzir ao ceticismo ou à afirmação de indeterminação plena.*”⁷

As conclusões mostram o declínio do remédio absoluto, mas conduzem também à afirmação inegável da dinâmica curativa. Nada mais contrário ao espírito da medicina do que a temporização e a inatividade.

A análise epistemológica da terapêutica contemporânea nos leva a admitir, de um lado o remédio e seu dinamismo e do outro os diversos fatores que o relativizam.

Pode-se, pois, concluir que a equação medicamentosa deve se fundamentar em dois princípios que são: a riqueza das antinomias e das multiplicidades e a polivalência do esquema fisiopatológico.

Tomando como fundamento estes dois princípios, a farmacologia tem se enriquecido, através de armas autênticas tão numerosas quanto cada vez mais aprimoradas.

Conforme as palavras de Dagognet: “*Não deixemos cair no labirinto o fio de Adriadne que deve nos guiar.*”⁸ A matéria medicamentosa, apesar de sua invencível indeterminação que afasta a idéia de um remédio universal e “noumenal,” só pode ser compreendida ao nível de uma dialética. Em lugar de buscar o elixir miraculoso que salvaria o doente, eliminando definitivamente a patologia, a farmacologia contemporânea faz uso de diversos remédios, que dentro da sua limitação e de sua contingência conseguem controlar e amenizar os efeitos da doença.

Pode-se, então, concluir que a razão científica contemporânea não se volta mais para a contemplação passiva do espetáculo do mundo. O progresso da medicina que leva à maior precisão no diagnóstico e à invenção de remédios cada vez mais complexos e

adequados à cura, se deve ao fato de que a razão, abandonando a atitude passiva e ociosa do realismo, torna-se razão artesã, operante e criadora. Conforme diz Dagognet:

“*É o espetáculo de um real conquistado, voluptuoso mesmo, mas evanescente, por sua vez precioso e não essencial que, por ter perdido sua consistência ontológica se tomou mais exposto.*”⁹

Assim, através de um labor fundamentalmente demiúrgico, a razão artesã vai construindo tecituras racionais de beleza inigualáveis que podem ser concretizadas no mundo material. A serviço das forças de criação e liberdade, a razão artesã se lança, pois, no jogo ousado do conhecimento inovador, fazendo da ciência aventura ousada e eficaz, verdadeiro ato prometeico.

Permanece, entretanto, uma questão de real importância para o homem:

A ciência, este ato prometeico, através de seus caminhos sinuosos que substituem o corpo mesmo por um meta-corpo, não estaria cada vez mais impondo uma barreira intransponível entre razão e mundo?

NOTAS

- (1) DAGOGNET, F.- *Écriture et iconographie*, pag. 87.
- (2) DAGOGNET, F. - *Écriture et iconographie*, pag. 89.
- (3) DAGOGNET, F.- *La raison et les remèdes*, pag. 21.
- (4) *Ibid* - pag. 45.
- (5) *Ibid* - pag.323.
- (6) *Ibid* - pag.42.
- (7) *Ibid* - pag.47.
- (8) *ibid* - pag.55
- (9) *Ibid* - pag.333.

BIBLIOGRAFIA

- DAGOGNET, François - *La raison et les remèdes*, P.U.F., Paris, 1964.
- _____ - *Écriture et iconographie* - J. Vrin, Paris, 1973.
- _____ - *Faces, surfaces et interfaces*, J. Vrin, Paris, 1982.
- _____ - *Le vivant*, Bordas, Paris, 1988.
- _____ - *Le corps multiple et un, Les Empêcheurs de Penser en Ronde*, Paris, 1992.